

## **RÁDIO *ONLINE* NA ESCOLA: INTERATIVIDADE E COOPERAÇÃO NO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM**

**FERNANDES**, Siddharta - UNESA

**SILVA**, Marco - UNESA

**GT:** Educação e Comunicação /n.16

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento

### **Introdução**

*Usamos as tecnologias das mídias para compartilhar uma experiência ao invés de criarmos uma experiência compartilhada... É a diferença entre passividade e participação, falar e conversar.*  
(Schrage, 1995, p.23)

Criar uma rádio na escola parece bastante inacessível devido à questões legais e operacionais, a começar pela liberação da concessão governamental para a radiodifusão, do custo dos equipamentos de emissão e recepção e da capacitação técnica do pessoal. Mas, com a evolução tecnológica ocorrida no final do século XX, hoje é possível implantar uma rádio *online* idealizada e desenvolvida por todos os envolvidos no processo de aprendizagem – alunos, professores, pais e funcionários. Uma rádio veiculada na Internet extrapola o modelo de transmissão próprio da tradicional mídia de massa e da secular pedagogia da transmissão. Ademais, estimula a interatividade e a criação cooperativa no ambiente escolar.

A utilização pedagógica das mídias não é novidade. Pesquisas<sup>1</sup> indicam que a inter-relação entre a Comunicação e a Educação ganhou densidade própria criando um campo de intervenção social específico denominado de “educomunicação”. Segundo Soares(1999):

Trata-se de um conjunto de práticas que propiciam a introdução dos recursos da informação no ensino, não apenas como instrumentos didáticos (tecnologias educativas) ou objeto de análise (leitura crítica dos meios), mas, principalmente, como meio de expressão e de produção cultural.

---

<sup>1</sup> Citamos, por exemplo, as pesquisas realizadas pelo NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - coordenadas pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, sobre a Comunicação Educativa e Educação para os Meios de Comunicação.

Essa inter-relação se potencializa com a atual organização sócio-técnica engendrada pelo ciberespaço que fez surgir comunidades virtuais onde as relações humanas privilegiam o compartilhamento do saber como interatividade. Trata-se de um novo investimento na produção de saberes, de um novo ambiente favorável à participação colaborativa.

Pensar a educação no ciberespaço significa, então, pensar estratégias que nos levem à participação colaborativa. Mas a que estratégias estamos nos referindo? A direção mais promissora, que traduz a perspectiva dinteratividade no ambiente escolar, é a do aprendizado cooperativo. Professores e estudantes, juntos, explorando os recursos materiais e informacionais à sua disposição constroem comunicação e aprendizagem. Os professores, abertos às diversidades, navegam (e muitas vezes aprendem) ao mesmo tempo em que os estudantes atualizam continuamente seus saberes “disciplinares” e do cotidiano, mobilizando competências pedagógicas: a observação, a seleção, o registro, a interpretação, a análise, a síntese.

O processo de cooperação entre os sujeitos possibilita intercambiar pontos de vistas, conhecer e refletir sobre diferentes questionamentos, refletir sobre seu próprio pensar, ampliar com autonomia sua tomada de consciência para buscar novos rumos. Estamos falando da dinâmica educacional que supera os sistemas apegados a noções como centro, margem, hierarquia, linearidade, substituindo-as pela multiplicidade, nós, nexos e rede.

Barros (1994) reforça o caráter cooperativo da rádio *online* quando identifica a cooperação como um fenômeno que envolve vários processos: comunicação, negociação, coordenação, co-realização e compartilhamento. Processos que constituem e caracterizam a proposta da Rádio *online*.

Na figura 1, Maçada e Tijiboy (1998, p.7) relacionam as características da postura dos sujeitos em um ambiente cooperativo. Todas essas características são fundamentais para a atitude cooperativa. Mas, segundo as autoras, a interação é o elemento básico e inicial de todo o processo, determinante da forma de comunicação. Elas reforçam, como os outros teóricos, a importância de se estabelecer na postura cooperativa relações heterárquicas entre os sujeitos, conforme ilustrado na figura 2. Relações que permitam a tomada de decisão em grupo de forma consensual e não imposta de cima para abaixo ou de um(s) sobre o(s) outro(s). Ou seja, que promovam uma consciência social onde estão presentes a tolerância e convivência com as diferenças dos membros do grupo.

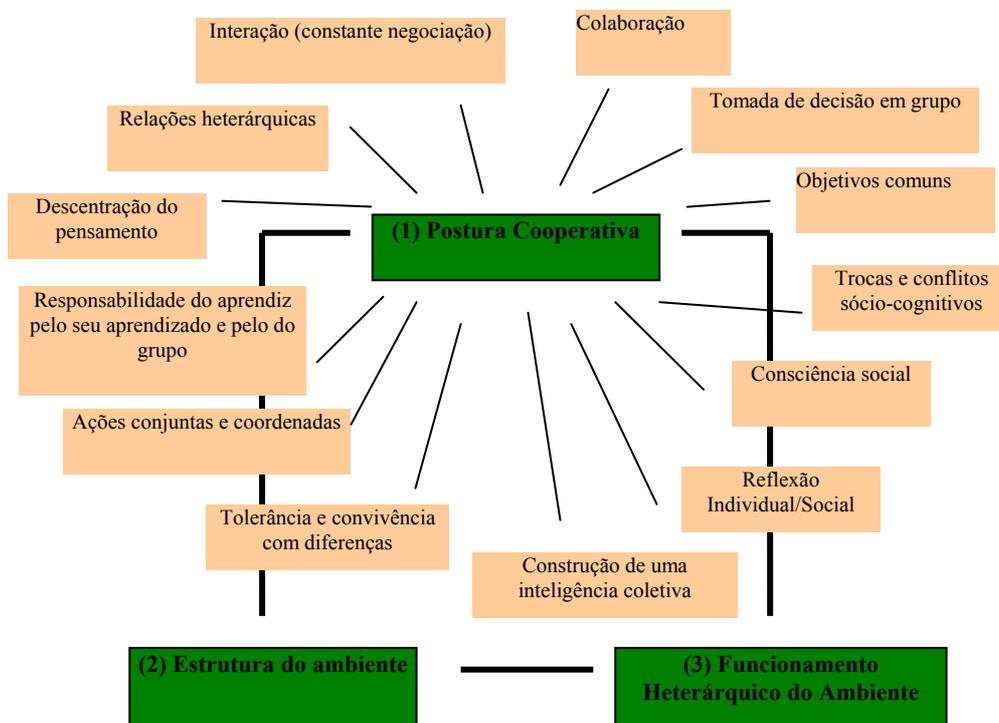
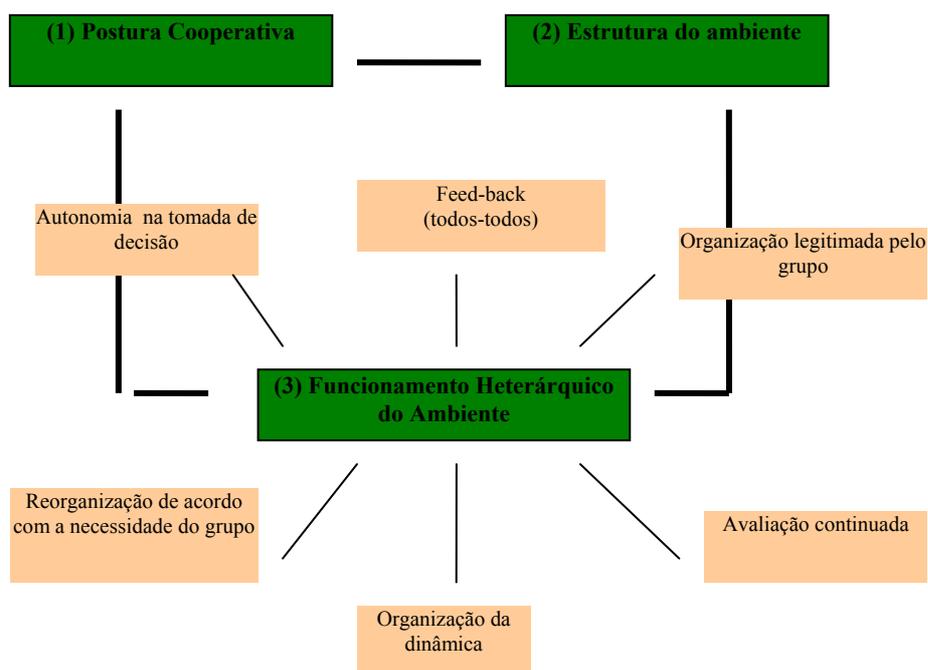


Figura 1 - Postura cooperativa



## Figura 2 - Relações heterárquicas

Nesse modelo, desfaz-se a idéia de centro emissor que dita uniformizações para uma recepção massiva e passiva. Surge a comunicação interativa que propõe o diálogo, a seletividade, a variedade, a conectividade, a bidirecionalidade e a intervenção na mensagem aberta à operatividade e à autoria criativa.

Pode-se dizer que um novo cenário comunicacional ganha centralidade com a cibercultura. Ocorre a transição da lógica da distribuição (transmissão) para a lógica da comunicação (interatividade). Isso significa modificação radical no esquema clássico da informação baseado na ligação unilateral emissor-mensagem-receptor:

- O emissor não emite mais no sentido que se entende habitualmente, uma mensagem fechada, oferece um leque de elementos e possibilidades à manipulação do receptor.
- A mensagem não é mais "emitida", não é mais um mundo fechado, paralisado, imutável, intocável, sagrado, é um mundo aberto, modificável na medida em que responde às solicitações daquele que a consulta.
- O receptor não está mais em posição de recepção clássica, é convidado à livre criação, e a mensagem ganha sentido sob sua intervenção. (M. Marchand, 1986, p. 9)

Trata-se, portanto, de mudança paradigmática na teoria e pragmática comunicacionais. A mensagem só toma todo o seu significado sob a intervenção do receptor que se torna, de certa maneira, criador. Enfim, a mensagem que agora pode ser recomposta, reorganizada, modificada em permanência sob o impacto das intervenções do receptor dos ditames do sistema, perde seu estatuto de mensagem emitida. Assim, parece claramente que o esquema clássico da informação, que se baseava numa ligação unilateral ou unidirecional emissor-mensagem-receptor, se acha mal colocado em situação de interatividade.

Mas essa perspectiva educacional ainda está muito distante da prática educacional atual. No geral, as experiências que aproximam educação e comunicação não colocam educadores e alunos como potenciais produtores de suas próprias aprendizagens, e sim como meros consumidores das informações de fontes fechadas, separando emissão e recepção – livro, jornal, vídeo, rádio analógica.

O professor muitas vezes atribui às mídias funções como ilustrar, introduzir o tema ou transmitir um conteúdo. Não vislumbram a possibilidade de promover a discussão, de criar espaços interativos para a aprendizagem cooperativa.

A Rádio *online* surge como uma possível estratégia para se estabelecer a comunicação interativa no ambiente educacional. Baseada em um trabalho cooperativo, na interatividade entre os participantes e no compartilhamento de idéias e de propostas, a Rádio online apresenta-se como uma mídia onde os alunos se sentem parte importante e ativa do processo de comunicação, e com isso passam a assumir uma postura de responsabilidade com relação a sua própria aprendizagem e a do grupo como um todo.. Isso nos leva a uma proposta de ruptura do modelo educacional tradicional baseado na transmissão linear de conteúdos disciplinares, onde se separa emissão e recepção. Ou seja, o rádio como um espaço privilegiado para o aluno conviver com outros sujeitos (alunos, professores, pais,...) através de relações que estimulem a cooperação e o respeito mútuo, ao invés de relações baseadas no prestígio e na autoridade hierárquica e unidirecional próprias do ambiente escolar tradicional.

### **A comunicação interativa**

A origem do termo comunicação (*communicare*) nos remete a “tornar comum”.. Mas o ato de tornar comum pode ser um ato individual ou coletivo, pode ser algo transmitido ou construído. Relacionado a essa diversidade de sentido, Salomon (1981) propôs a distinção de eventos em: informativos (transmitem aos sujeitos fatos relacionados do próprio evento) e comunicacionais (abertos ao diálogo, a intervenções dos sujeitos). Nos eventos informativos encontram-se as mídias de massa: o rádio, a televisão, a imprensa e o livro. Por outro lado, o caráter comunicacional existe “sempre e quando duas pessoas interagem e, intencionalmente ou não, negociam o significado de um determinado fenômeno” (Pearson e Todd-Mancillas, 1993, p.29).

As distinções entre as duas modalidades encontram-se na elaboração da mensagem, na sua forma de disponibilização e na sua leitura. Na modalidade comunicacional, na qual a Rádio *online* se insere, cada leitura torna-se um ato de escrita. Cada pessoa torna-se uma emissora, o que obviamente não acontece nas mídias de massa. Essa diferença na postura dos espectadores faz surgir uma tipologia sobre o uso dos dispositivos de comunicação. Há um tipo em que não existe interatividade porque tem um centro emissor e uma multiplicidade de receptores. Esse primeiro dispositivo chama-se “Um-Todos”. Um segundo dispositivo é o tipo “Um-Um”, que pode ser interativo, mas que não tem uma emergência do coletivo da comunicação, como é o caso do uso do telefone. O ciberespaço introduz um terceiro tipo: o interativo que supõe um

mais comunicacional na perspectiva do “Todos-Todos” e da uma inteligência coletiva (Lévy, 1994a).

A inteligência coletiva desfaz a polaridade entre um centro emissor ativo e receptores passivos. A imagem, o som e o texto surgem como campo aberto de possibilidades diante da ação exploratória do usuário. Essa plasticidade, sustentada pelas tecnologias comunicacionais – a hipermídia e as redes digitais – fundam o novo ambiente comunicacional interativo.

A comunicação interativa aparece no ciberespaço em diversos momentos. Os canais de bate-papo (*chat*) são um exemplo. Cada um entra na sala que mais lhe interessa, na hora que deseja, com a identidade que quiser se mostrar. Conversa em grupo ou individualmente, em tempo real. Vale destacar que nas salas de *chat* todos podem “falar” com todos simultaneamente, sempre de acordo com a sua escolha. É a essência da comunicação interativa.

A construção dos programas da Rádio *online* é mais um exemplo da comunicação interativa, agora no ambiente educacional. E para ampliarmos a discussão sobre as possíveis mudanças na escola com a comunicação “todos-todos” trazemos a redefinição da mensagem, do emissor e do receptor proposta por Silva (2000, p.73). Na tabela 1, o autor propõe as seguintes distinções:

<b>Quadro 1 - COMUNICAÇÃO</b>	
<b>Modalidade unidirecional:</b>	<b>Modalidade interativa:</b>
<p>MENSAGEM: fechada, imutável, linear, seqüencial.</p> <p>EMISSOR: “contador de histórias”, narrador que atrai o receptor (de maneira mais ou menos sedutora e/ou por imposição) para o seu universo mental, seu imaginário, sua récita.</p> <p>RECEPTOR: assimilador passivo.</p>	<p>MENSAGEM: modificável, em mutação, na medida em que responde às solicitações daquele que a manipula.</p> <p>EMISSOR: “<i>designer de software</i>”, constrói uma rede (não uma rota) e define um conjunto de territórios a explorar; ele não oferece uma história a ouvir, mas um conjunto intrincado (labirinto) de territórios abertos à navegação e dispostos a interferências, a modificações.</p> <p>RECEPTOR: “usuário”, manipula a mensagem como co-autor, co-criador, verdadeiro conceitor.</p>

Assim, para se situar dentro da lógica comunicacional, o rádio tem que pressupor a mensagem como fruto da recursão entre a emissão e recepção, um processo compartilhado de codificação e decodificação. E, para ter o cunho educacional, tem que se basear na flexibilidade, em relação tanto aos conteúdos quanto às formas de apresentação, à organização, ao momento de acesso, à definição do ambiente da aprendizagem e à constituição do grupo humano com o qual se trabalha. Uma mídia pouco formalizada, porém muito estruturada quanto às possíveis situações de aprendizagem.

Estas características fazem do ciberespaço o ambiente favorável para o rádio se reconfigurar. O ciberespaço propõe uma ruptura ao modelo unidirecional. Funda-se na busca da bidirecionalidade: a liberdade de expressão, de experimentação e, particularmente, o questionamento à manipulação exercida pelas mídias unidirecionais.

Para ilustrar o grau de comprometimento do rádio *online* com a bidirecionalidade, vemos em Lévy (1999, p.82) alguns indícios dos quais destacamos: as possibilidades de apropriação e de personalização da mensagem recebida, seja qual for a natureza dessa mensagem; a reciprocidade da comunicação (a saber, um dispositivo comunicacional “Um-Um” ou “Todos-Todos”); a implicação da imagem dos participantes nas mensagens.

A nossa proposta com esse trabalho é retornar ao rádio, agora *online*, a conotação comunicacional que favorece a troca entre os interlocutores. Troca no sentido da possibilidade de agir, de intervir sobre os programas. E de certa forma, estabelecer uma conotação educacional no sentido de favorecer o uso das mídias conforme mudanças descritas na Tabela 2:

<b>Quadro 2 – MODELOS DE RÁDIO</b>	
<b>Radiodifusão</b>	<b>Rádio <i>Online</i></b>
Programas são escutados no momento em que a rádio toca	Programas são escutados quando o ouvinte deseja.
Aprendizagem sistemática, baseada na transmissão e retenção de informações.	Aprendizagem cooperativa, baseada na troca, na construção do conhecimento.
Meio de divulgação.	Meio de produção cultural.
Aluno como reprodutor de informações.	Aluno como transformador de uma realidade.
Visa à fixação de conteúdos.	Visa a problematização da realidade e ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Programas curriculares.	Programas temáticos construídos coletivamente.
Produção externa ao grupo e centrada no meio.	Produção centrada no interesse do grupo.
Utilização rígida.	Manipulável.
Foco na veiculação dos programas.	Foco no processo de construção dos programas.

Assim visto, o rádio *online* delimita bem a aproximação entre a educação e a comunicação. Permite compreender o ensino e a aprendizagem como um único momento que envolve um processo de comunicação interativa. Isto muda a concepção de ensino-aprendizagem porque com a interação não se transmite algo, mas se produz coletivamente.

### **Rádio getup, uma rádio *online***

Para aprofundar a investigação sobre a relação Comunicação e Educação optamos por desenvolver uma pesquisa a partir da criação de uma rádio *online* em uma escola particular situada no bairro de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro, que atende a aproximadamente a 1200 alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. O trabalho de campo foi realizado entre os meses de abril e agosto de 2003.

Optamos pela pesquisa-participante, uma vez que essa concepção de pesquisa coloca como prioridade à participação dos envolvidos, prática condizente com a própria modalidade comunicacional a ser engendrada coletivamente, acolhendo e potencializando os saberes afins já presentes na ambiência pesquisada.

A nossa chegada à escola coincidiu com um momento em que iniciava uma reformulação educacional. Reformulação no sentido de buscar novas diretrizes para a escola, de redefinir a atividade docente e de ampliar a participação dos alunos na sua aprendizagem. Ações que vão ao encontro com a proposta deste trabalho, e que nos fez sentir como participantes dessa reflexão.

Antes de propormos a construção de uma mídia interativa como a Rádio *online*, fomos conhecer a visão da equipe docente sobre Comunicação. Nos deparamos com o modelo que associa comunicação a algo informativo. Na verdade não é só a escola, mas a sociedade como um todo vê as mídias tradicionais (jornal, televisão e rádio) como o principal canal de comunicação. Não enxergam a massificação, a uniformização a que estamos submetidos. E na

escola não é diferente. Nós educadores ainda não nos demos conta que comunicação é diálogo, é troca.

A criação da rádio envolveu a montagem de um “estúdio”. Para isso a escola reservou uma sala, ou mesmo o laboratório de informática, onde os alunos produziram o site, gravaram os programas e planejaram o trabalho. Utilizamos um, ou mais, computadores multimídia com pelo menos 128 Mb de memória RAM. Arquivos de som são grandes e requerem também um espaço em disco razoável.

Pode-se utilizar uma mesa de som, mas é opcional. A mesa permite acoplar simultaneamente diversos dispositivos de entrada de som ao computador (microfones, gravador, mesa de efeitos, entre outros) e, também, “brincar” com efeitos como eco, *delay*, distorção, entre outros. Mas os efeitos podem ser inseridos através dos softwares de edição. O editor que escolhemos chama-se Sound Forge. A sua escolha deveu-se à riqueza de recursos aliada a facilidade de operação.

Quanto à parte musical da rádio, deve ser feita em tecnologia *streaming* para evitar que se “baixe” todo o programa da rádio para se escutá-lo. Assim, escuta-se o som enquanto o arquivo é transferido, simultaneamente, pela internet. Não precisa fazer download. Os programas mais usuais no momento são Real Player (Real Áudio) e Media Player (Windows), disponíveis inclusive em versões gratuitas no site do fabricante<sup>2</sup>.

Nossos encontros foram semanais com duração aproximada de três horas. Uma hora destinada ao planejamento do programa e duas horas para a gravação. A equipe da rádio foi constituída inicialmente por um grupo de 24 alunos voluntários do Ensino Médio. Como se trata de uma proposta pedagógica, toda essa produção dos alunos deve ser acompanhada por, pelo menos, um professor. Na escola em questão, esse acompanhamento aos alunos foi assumido por uma Coordenadora e pela professora de Informática.

Grupo formado, momento então de se organizar o que cada um vai fazer. Parte do grupo ficou responsável por desenvolver o *site* da rádio, e outra parte por produzir os programas veiculados. Os conteúdos do *site* são referentes aos programas, mas abordados com outro enfoque, com uma outra linguagem. Enquanto na rádio predomina a linguagem oral, no site, em geral, a informação encontra-se em forma de texto e imagem. Mas ambas as produções, as

---

<sup>2</sup> Real Player – <http://www.real.com/realone/?src=realplayer>.  
Media Player – [www.windows.com.br](http://www.windows.com.br)

páginas e os programas, compõe a Rádio. Assim, devem ser elaborados, produzidos e disponibilizados concomitantemente. E para isso funcionar, somente com os grupos caminhando em conjunto.

Na equipe de produção do programa o grupo se subdividiu nas funções de locutores, repórteres, produtores e edição dos programas. O programa final é fruto da integração dos trabalhos de cada grupo. Não pode ser visto como a união de esforços individuais, pois temos o mesmo assunto discutido e apresentado por diversos enfoques diferentes. Idealizados para se complementarem.

Toda rádio, enquanto um veículo de comunicação, tem uma proposta (musical, editorial, etc), tem regras de funcionamento, tem uma “cara”. Na busca dessa identidade, público alvo, nome, marca (logo) e vinhetas, iniciam o processo de caracterização da Rádio. O público alvo foi fácil definir: “adolescentes, como nós!”. Para a escolha do nome ficamos entre dois procedimentos: realizar um concurso envolvendo os alunos da escola ou fazer uma eleição entre os nomes sugeridos pela equipe da rádio. Getup<sup>3</sup> enquadra-se no segundo caso.

No geral, propomos a adoção de programas temáticos. Além de buscar a participação dos ouvintes que conhecem ou se interessam pelo o tema escolhido, é uma oportunidade de abordar os conteúdos curriculares de uma forma mais livre, sem divisão disciplinar. Os conceitos aparecem naturalmente como algo presente em nosso dia-a-dia. Assim, tudo o que acontece na escola pode virar tema. Cabe a equipe da Rádio estar atenta a todos os acontecimentos na escola – projetos, eventos – para convidar os envolvidos a participar da programação. É aí que entram os professores como estimuladores, dinamizadores e co-criadores de um espaço coletivo e educativo que envolve a comunicação.

Os programas tiveram duração aproximada de vinte minutos para que pudessem também ser executado durante os recreios dos alunos. A implantação de uma rádio *online* nos permitiu registrar e investigar todos os acontecimentos durante o processo de criação: a apresentação da proposta à escola, a constituição da equipe, a produção dos programas, as relações entre os sujeitos.

O desenvolvimento da Rádio Getup disponibilizada no endereço eletrônico [www.garriga.g12.br/radio/index.htm](http://www.garriga.g12.br/radio/index.htm) nos permitiu estudar as implicações do rádio *online* nos

processos educacionais, mais especificamente nos processos de ensino-aprendizagem que passam a se formar a partir da redefinição dos espaços e da lógica da interação educador/educando.

Em diversos momentos observamos que a estratégia adotada para o desenvolvimento da Rádio *online* privilegiou o diálogo: a escolha do nome da Rádio, a definição dos temas dos programas, o planejamento do site, as músicas tocadas nos programas, etc.

O diálogo encaminhou a discussão e a análise de todas as idéias levantadas pelo grupo. Para cada um dos itens da Rádio Getup havia uma imensa diversidade de opções. Todos tinham voz ativa. Todos compartilharam da construção e da sensação de posse da Rádio.

Apesar de ser uma atividade prazerosa, criar a Rádio *online* foi mais do que uma brincadeira. Foi uma forma dos alunos fazerem amigos. Deles se aproximarem da escola. Isso fica muito evidente quando uma aluna integrante da Rádio acrescenta:

A gente agora sente como se fosse da outra parte do colégio, sabe.. A gente antes era os alunos....agora a gente chegou mais perto deles mesmo, sabe. A gente se aproximou um pouco. Ele [o diretor] agora tá diferente, quando encontra a gente... “e lá na rádio”, não sei o que... “eu quero o meu programa, hein!” ... a gente vê o papel do diretor, aquele homem sério, e a gente pode ver o outro lado, sabe, o Fernando brincalhão, né. Os professores também, agora te reconhecem,.... agora a gente conversa.

Observamos a existência de separações funcionais na escola. Separações que estabelecem graus de importância e de hierarquia. E, com o destaque obtido por participar da Rádio *online*, deixaram de ser somente “os alunos”.. Destaque que favoreceu não só o reconhecimento pelos professores, mas também como uma abertura ao diálogo como vemos em sua fala: “agora te reconhecem,.... agora a gente conversa”.. Isso nos leva a crer que precisou que elas fizessem algo (nesse caso uma rádio) para que a escola lhes atribuísse uma identidade. Para que fossem “promovidas” e reconhecidas pelo diretor e pelos professores.

Baseado nessas observações, podemos dizer que a Rádio *online* favoreceu a mudança da postura dos alunos. Mudança no sentido de uma maior participação colaborativa no cotidiano escolar. Mudança nas relações que se estabelecem entre os alunos e os demais sujeitos. Mudanças na organização de um novo laço social, agora reunido em torno de centros de

---

<sup>3</sup> O nome Getup foi escolhido pois trazia a conotação de aprontar, de atijar. Como descrito no dicionário inglês-português de Leonel Valandro (Editora Globo) sobre a expressão inglesa get up.

interesses comuns, com sua configuração singular, delineado pela própria coletividade, não mais demarcada por questões territoriais ou por questões de poder.

Apesar de a Rádio Getup não ter concretizado uma mudança na postura dos professores, podemos observar que houve uma mudança no centro de atuação: os alunos convidaram os professores a participar de uma atividade pedagógica. Verificamos que somente com dois programas a Rádio *online* rompeu com as situações de aprendizagem centradas no interesse dos professores. Os alunos convidaram o professor a participar de algo que eles queriam abordar, e da forma que achavam interessante.

Essa discussão nos permite concluir que a Rádio *online* surge como uma possibilidade de abandonar a prática de “difusão dos conhecimentos”, executada com uma eficácia maior por outras mídias de comunicação. Surge como uma possibilidade de o docente desenvolver em seus alunos o seu lado inventivo, a sua competência de aprender a aprender. Colaborativamente como disse Lévy (1999), transformar o docente em um animador da inteligência coletiva dos grupos dos quais se encarregou. Centrar sua atividade no acompanhamento e no gerenciamento dos aprendizados, através da incitação ao intercâmbio dos saberes, da mediação relacional e simbólica, da individualização dos percursos de aprendizado.

O processo de elaboração da Rádio *online* despontou como uma possibilidade de se estabelecer o diálogo na escola. Essa constatação se deu no momento em que o Diretor da escola vislumbrou a possibilidade de o aluno “se comunicar, saber solicitar as coisas ou discutir as coisas, saber conversar com as pessoas, saber ouvir, (...) porque quando se tem uma rádio, tem que ter muita troca na comunicação”.

Processo que nos leva a crer que surgiu a possibilidade de se estabelecer um novo modelo comunicacional na escola a partir da Rádio *online*. Um modelo baseado no diálogo entre alunos, pais, professores e equipe de direção. Todos com voz ativa, ou seja, sem um centro emissor que dita uniformizações para uma recepção passiva. Estamos nos referindo a uma comunicação do tipo “todos-todos” fundada na bidirecionalidade, na intervenção na mensagem. Estamos nos referindo a uma comunicação interativa.

Concluimos, então, que a Rádio *online* surge como uma estratégia de criação de ambientes de comunicação e de aprendizagem baseados na interatividade e na cooperação.

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (Freire:

1988, p. 69). É necessário, portanto, investir em outros trabalhos sobre o novo campo de intervenção social que aproxima a Comunicação e Educação, no qual a Rádio *online* se insere. Os resultados obtidos com este trabalho nos fazem crer que repensar a educação no ciberespaço significa muito mais do que prover a escola de novos recursos ou tecnologias. Trata-se de investir na criação de novas estratégias educacionais que reformulem a dinâmica de ensino-aprendizagem.

**Referências bibliográficas:**

BARROS, Lúgia A. **Suporte a ambientes distribuídos para aprendizagem cooperativa**. 250f. 1994. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

FERNANDES, Siddharta D. A. **Rádio online**: uma possibilidade de comunicação interativa na escola. 130f. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LÉVY, Pierre.. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **A emergência do cyberspace e as mutações culturais**. Palestra realizada no Festival Usina de Arte e Cultura, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, outubro, 1994a. Tradução Suely Rolnik. Disponível em: <http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy/aemergen.html> . Acesso em: 16 set. 2003.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tradução. Carlos I. Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAÇADA, Debora L.; TIJIBOY, Ana V. **Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos**. In: CONGRESSO RIBIE, 4., Brasília 1998. Disponível em: <http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200342414721274.PDF> . Acesso em: 10 jun. 2003.

MARCHAND, Marie. **Les paradis informationnels** – du Minitel aux services de communication du futur. Paris: Masson, 1987.

PEARSON, D.; HANNA, E.; TODD-MANCILLAS, W. **Comunicación y género**. Barcelona: Paidós, 1993.

SALOMON, G. **Communication and education**. Beverly Hills: Sage, 1981.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação – Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação**, Brasília, DF, ano 1, n.2, p. XX , jan./mar. 1999.